

## ■ PESQUISA COM ANIMAIS

Minas é o segundo estado com mais instituições autorizadas a fazer testes. Comissões de ética acompanham, mas conselho admite que há casos em que sofrimento é inevitável

# Cobaias em 10 laboratórios

TIAGO DE HOLANDA

Minas Gerais tem 10 instituições autorizadas a usar animais como cobaias em aulas e testes de laboratório ou a criá-los para fins didáticos ou científicos, segundo o Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (Concea), órgão ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia. O estado é o segundo com mais entidades habilitadas, atrás de São Paulo, com 20. No país são 65 locais credenciados, a maioria instituições de ensino superior públicas e particulares.

As entidades que quiserem criar ou usar animais para pesquisa e ensino precisam de autorização do Concea. Uma resolução normativa do órgão, publicada no *Diário Oficial da União* em 3 de outubro, determina interdição temporária das que ainda não haviam pedido o credenciamento. Dos 65 habilitados, mais da metade (36) funcionam no Sudeste. Entre os 20 em território paulista, estão duas faculdades e um instituto da Universidade de São Paulo (USP) e o Instituto Royal, em São Roque, invadido no dia 18 por ambientalistas que levaram cães e coelhos usados em experimentos.

A UFMG é credenciada pelo Concea.

Uberlândia tem duas empresas autorizadas: o Centro Universitário do Triângulo (Unitri) e o Laboratório Biosafety – GJF Serviços em Agronegócio. Na Zona da Mata, Juiz de Fora tem duas: a universidade federal e uma filial do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, vinculado à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Na mesma região, está habilitada a Universidade Federal de Lavras (Ufla), e, em Viçosa, a Nowavet, “especializada em pesquisa clínica veterinária para fins de registro de produtos veterinários”, segundo a descrição no site da empresa. O estado tem outras três entidades privadas avalizadas pelo Concea: Universidade do Vale do Sapucaí (Pouso Alegre), União Educacional do Vale do Aço (Ipatinga) e Faculdades Integradas Pitágoras (Montes Claros). Outras instituições mineiras estão com pedido de credenciamento sendo analisado o Concea. Entre elas, os particulares Centro Universitário de Patos de Minas (Unipam), no Alto Paranaíba o Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (Unileste), em Ipatinga, e a Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, em BH. Outras universidades federais solicitaram autorização,

como as de Uberlândia e Viçosa.

As instituições que criam ou usam animais em atividades de ensino ou pesquisa devem ter comissão de ética no uso de animais (Ceua), segundo a Lei Federal 11.794, de 2008. Além do Concea, os conselhos regionais de medicina veterinária são responsáveis pela fiscalização. O presidente do conselho mineiro (CRMV-MG), Nivaldo da Silva, afirma que o órgão nunca encontrou irregularidades. “Se houver denúncia, o conselho fiscaliza, faz relatório e entrega ao Ministério Público”, explica Silva, professor da UFMG.

**DANOS** O presidente do CRMV-MG admite que alguns experimentos causam danos aos animais, mas afirma que alguns testes não podem dispensar os bichos: “Já podemos fazer inúmeros testes in vitro para avaliação de vacinas, soros, fármacos. Mas, em algumas situações, esse método não dá segurança de que o produto pode ser usado no homem ou em animais”. Segundo ele, para descobrir se o teste causa efeitos colaterais, é preciso experimentar em animais. “Não podemos pôr um ser humano em risco. Os testes não necessariamente trazem sofrimento aos animais, mas em alguns casos

é inevitável. A comissão de ética tem obrigação de evitar sofrimentos desnecessários”, explica.

### ■ BIÓLOGO CONTESTA

Professor do Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de Alfenas (Unifal), o biólogo Thales Trez rebate a afirmação de que o uso de animais em pesquisas é necessário. “A ciência evolui, não existe nenhum método ou instrumento imprescindível. É preciso investir em tecnologias alternativas. O Brasil investe muito pouco em fomento à pesquisa de métodos substitutivos. Não há esforço praticamente nenhum para isso”, sustenta ele, que estudou o tema em doutorado defendido na Universidade Federal de Santa Catarina (USFC).

Trez contesta a validade para humanos de resultados de testes feitos com bichos: “Muitos trabalhos científicos criticam a relevância da pesquisa com animais. O que ocorre num organismo animal não tem correspondente biológico com o organismo humano. Essas pesquisas têm que ser baseadas em modelos humanos, não em ratos, cães ou coelhos”.

### ■ TESTES EM MINAS

INSTITUIÇÕES AUTORIZADAS NO ESTADO

- Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)/BH
- Centro Universitário do Triângulo (Unitri)/Uberlândia
- Laboratório Biosafety – GJF Serviços em Agronegócio/Uberlândia
- Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
- Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, vinculado à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)/Juiz de Fora
- Universidade Federal de Lavras (Ufla)
- Nowavet/Viçosa
- Universidade do Vale do Sapucaí/Pouso Alegre
- União Educacional do Vale do Aço/Ipatinga
- Faculdades Integradas Pitágoras/Montes Claros

PAULO FILGUEIRAS/EM/DA PRESS



“O animal é reflexo do dono. Se não der carinho e respeito, ele fica agressivo”

■ Carlos Araújo de Souza, que adotou a cadela Shakira, encontrada na rua e ressocializada

# Feras domadas e adotadas

JULIANA FERREIRA

Eles estão soltos pelas ruas de Belo Horizonte e, para muitos, são uma ameaça. Mas, para outros, os cães ferozes podem ser domados e merecem uma segunda chance. Pensando nisso, o diretor de uma organização não governamental encontrou uma brecha em uma lei municipal para salvar os pit bulls recolhidos pela prefeitura. Já um agente do Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) usa o tempo livre no trabalho para ressocializar cachorros de grande porte encontrados em estado agressivo nas ruas. O desafio é achar quem enfrente o medo de um possível ataque e aceite abrigá-los.

Funcionário do CCZ, William Gonçalves conseguiu reabilitar um pit bull que matou o próprio dono. “Não é nada demais. Só trabalho com o comportamento animal. Não tem segredo”, diz o agente de endemias do CCZ, que faz recolhimento de cães de rua. Desde que passou no concurso público, em 2008, ele começou o trabalho paralelo de ressocialização. Já são 38 animais reabilitados, dos quais muitos ganharam novo lar. “Respeito aos animais é algo novo no Brasil, não está na nossa cultura ainda”, conta ele, que tem apenas o ensino médio completo, mas é perito em psicologia canina. Para isso, foi preciso força de vontade. O incentivo veio do curso de formação oficial de controle animal, que tratou de ética com os cães. Foi o pontapé inicial para a busca de bibliografias em livrarias e sebos.

Os cães grandes agressivos devem ser levados para eutanásia se o dono não aparecer em três dias. Mas aqueles em que William vê potencial de melhoria ficam no CCZ, inclusive os que atacaram outros animais ou donos. Ele explica que a maioria dos rottweilers, dogos argentinos, filas e pastores alemães recolhidos eram de uma família com posse respon-

sável. “Quando a emoção de ter um cão desses passa, o dono o confina em uma corrente ou canil e o deixa isolado”, diz. Acuada e sem contato, o animal sente a necessidade de ser líder, pois não tem mais a figura que o comanda. “Ele entra em estado de alerta. É instinto do animal de grande porte. Preso, ele avança para se defender. São soltos nas ruas muitas vezes após maus tratos”, conta.

Segundo William, 80% dos cachorros recolhidos foram ressocializados. Bastam técnicas de comportamento. William passeia com eles pelo pátio, impõe disciplina e dá carinho: “Em casa, as pessoas só dão carinho e perdem o controle do cão”, diz. O processo pode levar até dois anos. O agente conseguiu socializar até cães que procriam na natureza e se alimentam de restos de comida e de pequenos animais, sem contato com pessoas.

**ADOÇÃO** Depois da ressocialização, vem a parte mais difícil: convencer as pessoas de que o cão não é mais agressivo e pode voltar a viver em um lar. Mas, segundo William, a aceitação aumentou depois que ele começou o trabalho no CCZ. O marceneiro Carlos Araújo de Souza não se arrepende de ter adotado Shakira, a dogo argentino de 4 anos, hoje o xodó da casa. “Ela avançou em mim quando cheguei perto da grade para conhecê-la. Percebi que ela queria apenas defender o território”, conta. Bastaram 10 minutos de convívio para que ela aceitasse sua presença. “Ela é dócil e brincalhona”, diz.

O mesmo aconteceu com o rottweiler Leão, de 6 anos, recolhido na rua. Há nove meses, o motorista Bruno Santos queria um cachorro para vigiar seu sítio. “Fiquei amigo dele antes de levá-lo. Sabia que foi agressivo e era aparentemente assustador. Mas hoje é superdócil”, lembra. Até seus filhos, de 1 e 4 anos, brincam com Leão.

CRISTINA HORTA/EM/DA PRESS



William Gonçalves reabilita pit bulls na esperança de impedir que sejam sacrificados

## Uma chance para pit bulls

A Lei Municipal 8.354, de 2002, proíbe propriedade, importação, adoção, comercialização, criação e manutenção de pit bulls em BH. Por isso, cães da raça que chegam ao Centro de Controle de Zoonoses são sacrificados. Alguns, no entanto, permanecem durante processos na Justiça. William e seu colega de trabalho Sidnei Giovane não perdem tempo. O pit bull que matou o próprio dono e outro que matou uma poodle hoje são dóceis. “Eles são enérgicos, precisam se exercitar, senão explodem. Não foram feitos para atacar pessoas, mas para rinhas. Não gostam de de outros cachorros”, explica.

Os veterinários do CCZ decidem quais animais treinados por William podem ser adotados. Se não fosse a lei, ele indicaria alguns pit bulls. Mesmo sabendo que o provável caminho é a eutanásia, Giovane faz desse tempo deles vivos o melhor possível. “A gente sabe do destino, mas faz o trabalho. É válido ocupar a mente com coisa boa”, diz.

O diretor da ONG Resgate Animal, Filipe Soldati, quer mudar a história desses pit bulls. Ele encontrou uma brecha na lei: o parágrafo que permite doação apenas para fins acadêmicos. Ele se reuniu com representantes da Secretaria Municipal de Saúde e fez acordo verbal para ficar com os cães recolhidos para estudar o comportamento. Soldati só espera o CPNJ da ONG para entrar com petição na prefeitura. Segundo a parceria, ele não poderá doar os animais para ninguém. “Quero pegar esses cães e fazer a ressocialização. A ideia é que a prefeitura faça acompanhamento mensal e dê ajuda de custo”, conta. O voluntário, que já tem nove pit bulls, pretende também entender por que eles se tornam agressivos em alguns momentos. A secretaria confirmou o pedido, mas não informou se ele foi aceito.